



PHILLIP JACOB SPENER

PIA DESIDERIA

Por Darcy Hugo Brandt, pastor

Resumo contextual e programático do PIA DESIDERIA – Desejos piedosos

Para o comentário introdutório, três observações:

a) Entre os muitos teólogos da ortodoxia luterana, Spener é um dos maiores admiradores e defensores da obra e da pessoa de Martinho Lutero;

b) Spener poderia perfeitamente plagiar o pensamento do teólogo Karl Barth que afirmou, ainda que em outras palavras, a maneira correta do pregador anunciar o Evangelho é ter na mão direita a Bíblia e na esquerda, o jornal. Spener talvez desse ao conceito “jornal” uma interpretação mais pessoal/individual como espelho da realidade dos membros da comunidade cristã local, ao sentido mais genérico e ambiental que o termo em Barth sugere;

c) Depois de Lutero, Spener foi o maior reformador da Igreja Luterana na Alemanha, sendo o pietismo (doutrina dele derivada = *practica pietatis*) o maior movimento religioso na história luterana.

1 a) Contexto sócio-político-religioso na Europa do século XVII

A Europa vivia a era do absolutismo. Os governantes reinavam de maneira absoluta, não prestando contas de seus atos a ninguém. As igrejas eram estatais e, como instituição, confessionais e orientadas a partir de suas respectivas ortodoxias.

Ao lado do absolutismo outro fator caracterizou a época: uma crise violenta que abalou todos os setores da vida, a ponto do povo ver sua sobrevivência ameaçada.

Os sinais mais visíveis desta crise foram as guerras, entre as quais, a mais importante: a guerra dos 30 anos (1618 -1648) Esta guerra que, só na Alemanha dizimou 40% da população rural e 30% da urbana, arruinou a economia, a população empobreceu, cresceu o endividamento, a produção de alimentos diminuiu assim como diminuiu o oferta de emprego. A crise econômica teve fortes reflexos na vida moral e dos bons costumes do povo. Valores e verdades religiosas foram ‘colocadas em cheque’. A igreja cristã, que até então tinha respostas para as perguntas existenciais das pessoas, foi perdendo, cada vez mais, influência. Desgraça, miséria e incertezas deixaram as pessoas profundamente angustiadas, a ponto do século XVII ser conhecido como o “Século da Angústia”.

Em meio a tanta desgraça, miséria e angústia, as pessoas esperavam da religião consolo, aconselhamento e edificação espiritual. Foi enorme a procura por literatura cristã, a ponto de 25% de todos os livros vendidos no século XVII serem de caráter edificante e



cristão. Essa gama de literatura começou a abrir brechas nas tradicionais barreiras confessionais. Entre os livros mais editados, citam-se a “Imitação de Cristo”, do cônego holandês Tomás de Kempis, com 744 edições em 140 anos; a “Prática da Piedade”, do bispo anglicano Lewis Bayly, com 104 edições; “O Peregrino”, do pregador leigo John Bunyan, com 61 edições. Na Alemanha “Livros do Cristianismo Verdadeiro”, do pastor luterano Johann Arnd, com 123 edições. Spener foi solicitado a escrever um prefácio a esta obra que mais tarde se tornou um livretinho separado com o título “*Pia Desideria*”.

A grande crise levou, muitas vezes, a manifestações de violência por parte da população. Entre católicos e protestantes começaram a surgir tentativas de se achar possíveis culpados por todos os males, e os “bodes expiatórios” foram os judeus e as bruxas. Havia também entre os cristãos, quem se propôs a defender os judeus e bruxas, entre os quais podemos citar Phillip Jacob Spener, que achava ser plenamente possível aproximar cristãos e judeus e também converter as bruxas por meios pacíficos.

Surgiram também muitos hinos que falavam da proteção e companhia de Deus em meio a guerras, miséria, cruz, sofrimento e angústia. Citaremos apenas o nome do pastor luterano ortodoxo Paul Gerhardt. Nesse contexto também surgiram hinos que expressavam o desejo de muitos fiéis de encarar a morte com alegria, não só como libertação frente aos sofrimentos terrenos, mas também, como posse da recompensa eterna a eles reservado.

Ao lado de se achar possíveis culpados pela crise também houve, por parte da sociedade, caminhos que levassem à superação da crise. O meio para isto foi a valorização do trabalho, que passou a ser visto, a partir de uma perspectiva religiosa, como o caminho indicado por Deus para a superação do pecado e da melhoria da moral. Aprofundou-se a ética cristã do trabalho. Este clima de procura por meios de superação da crise aliado à crescente tolerância religiosa estimulou novas maneiras de pensar a vida, o que acabou culminando no movimento do Iluminismo.

Os europeus reagiram à crise. Começou a brotar o desejo por estabilidade e novas certezas. Surgiu daí a “Paz de Vestfália”, em 1648, com a pretensão ser uma paz cristã, universal e permanente. Criou-se, para a Alemanha, um sistema político de coexistência entre territórios de confissões diferentes (católicos, luteranos, calvinistas). Na prática, porém, os Estados eram confessionais, dos quais os governantes submetiam a Igreja ao Estado, cuidando da uniformidade confessional de seu território, de acordo com o princípio da liberdade religiosa de Augsburg 1555 e reafirmado na “Paz da Vestfália”.

Como uma paz cristã ampla e verdadeira não resulta de decretos, acordos e editos, logo os problemas começaram a surgir a todo vapor. Já no início do século XVII a uniformidade confessional foi quebrada em Brandemburgo-Prússia pelo próprio príncipe Sigismundo, que saiu da Igreja Luterana para a Calvinista, embora a grande maioria do povo continuasse luterano. Começou a se instaurar um clima de “tolerância religiosa” para com as minorias não-luteranas e não-cristãs, digam-se, judeus. A política de repovoar as regiões dizimadas pelas guerras levou os governantes a abrirem as portas para a imigração, o que fortaleceu ainda mais a “tolerância religiosa”, contribuindo para a prosperidade econômica e



cultural do povo. De outro lado, porém, colaborou para a degradação moral e teológica da Igreja. Ora, como para o Estado interessava a prosperidade social e econômica, a igreja cristã foi perdendo, cada vez mais, autoridade. Na Igreja Luterana, a ortodoxia perdeu boa parte de sua influência. Os nefastos efeitos da política de tolerância sobre a fé cristã não tardaram: elementos da magia, da astrologia, da bruxaria se infiltraram a ponto de se tornarem parte integrante da fé professada por muitos cristãos. A vida moral e ética desceu a níveis caóticos, a ponto de Spener comentar: “observando as condições da cristandade como um todo, deveríamos fazer coro com as palavras de Jr 9,1 - Se tivéssemos água suficiente em nossas cabeças, e nossos olhos fossem fontes de lágrimas, para que dia e noite chorássemos a miséria de nossos povos”.

1 b) Situação caótica da Igreja

Desde os tempos dos Apóstolos, nunca a Igreja viveu dias mais gloriosos diante de Deus que nos momentos da mais terrível perseguição, quando cristãos realmente renunciavam a tudo, inclusive à própria vida em favor da fé. Como este tipo de perseguição provocou justamente efeitos contrários aos pretendidos, porquanto contribuiu para o fortalecimento da fé, começou a surgir outro tipo de perseguição, mais sutil, mas mais eficaz e destrutivo. De um lado, acenou-se com favores e privilégios para afastar o povo da verdade conhecida (leia-se Igreja Evangélica) e, de outro, bons e piedosos professores foram, aos poucos, sendo afastados. Ademais, o papado, novamente colocou sob seus domínios, reinos e províncias que tinham conhecido a verdade da doutrina Evangélica. Assim, aos poucos, à medida que os velhos iam morrendo, sobrava pouca gente que, como fermento da verdadeira fé, contribuía para a expansão da Igreja naquelas áreas. Essa tática poder-se-ia definir como a “contra-reforma silenciosa”.

Em relação às autoridades seculares (estamento político e social) se constata, com tristeza, que muito poucos sabem o que vem a ser o cristianismo e muito menos ainda o que significa eles mesmos viverem uma vida cristã. Vivem no pecado e nas cobiças mundanas, em tudo procurando satisfazer interesses meramente pessoais, materiais e egoístas. Por assuntos de ordem espiritual quase não havia interesse, e quando os havia, isto é, quando poucos queriam assumir a primeira tábua dos mandamentos e esforçar-se para o bem da igreja, somente o faziam para manter a religião verdadeira que receberam e impedir que a falsa entrasse novamente. Isto necessariamente nada tinha a ver com fé, o zelo que demonstravam por nossa religião não vinha do amor à verdade, antes, em muitos casos, não passava de estratégia, de interesse político!

Quando se observava o cotidiano dos que se dizem luteranos, mas que não fazem jus a este nome por não entenderem o pensamento de Lutero sobre a fé viva, um dos grandes males e que decisivamente contribuía para a devassa moral da Igreja era o vício e o pecado da bebedeira. Ignorava-se! Os “bêbados” não fazem parte do Reino de Deus (Gl 5). Na vida comercial também prevalecia o interesse próprio, lucro financeiro exagerado e a qualquer preço, muitas vezes à custa de sofrimento e exploração sem nenhum escrúpulo. Igualmente podre estava o Poder Judiciário onde raramente uma petição judicial seguia seu curso sem



violar o amor cristão. Ao se observar como viviam os primeiros cristãos, preocupados em ajudar os menos favorecidos, com tristeza se constata que o amor ao próximo não passa de um bonito discurso.

Em relação ao estamento eclesiástico, Spener afirma que reconhece a santidade do chamado divino dos teólogos e pregadores, porém poucos levavam o seu trabalho a sério, ao lado dos que, por sua conduta leviana e irresponsável, se expunham ao escândalo público levando uma vida devassa e corrupta. Deixaram-se levar pela concupiscência da carne e dos olhos e pela maneira arrogante de agir. Por estes, o princípio evangélico de “negar-se a si mesmo” nunca foi levado a sério. A ausência dos “frutos da fé” indica que esses próprios pregadores eram carentes de fé. Aquilo que pensavam ser fé e no que baseavam seus ensinamentos não passava de fantasia humana. Estavam longe da verdadeira luz divina e da vida de fé, pois aprenderam apenas a letra (morta) da Escritura, sem a atuação do Espírito Santo. Obtiveram o que possuem apenas com o esforço humano, da mesma forma como outros adquirem conhecimentos em seus respectivos campos de estudo. Pregam para outros, o que eles mesmos não vivem. Não devo nem quero afirmar, acrescenta Spener, que através dessas pessoas não se possa chegar à fé verdadeira e à conversão porque a Palavra não recebe a sua autoridade através da pessoa que a proclama, pelo contrário, ela a tem em si mesma. A esse respeito o apóstolo Paulo diz da sua alegria por Cristo ser pregado mesmo que por ódio e porfia (Fl 1.15). Mesmo assim, acredito que nenhum cristão sensato discorda de mim ao afirmar que pessoas, para as quais falta a verdadeira fé não podem exercer seu ministério de maneira a despertar, pela palavra, a verdadeira fé. Tais pessoas são incapazes de orar de maneira a serem ouvidas - meio pelo qual um pregador fiel alcança muitas bênçãos. Também não podem ter a sabedoria necessária de ensinar outros com persistência e conduzi-los ao caminho da salvação. Grande número de pastores considera desnecessário o que o apóstolo diz aos Ef. 4,21, ou seja, que em Jesus há uma maneira de viver justa. Se o próprio pregador não tem compreensão do assunto, como poderá ensinar corretamente seus ouvintes, levando-os à verdade? “Eu (Spener) não tenho nenhuma dúvida de que logo teríamos uma Igreja bem diferente se a maioria dos pastores pudesse exortar as nossas comunidades, sem acanhamento, como o apóstolo Paulo: sede meus imitadores, como também eu sou de Cristo - I Co 11.1”.

Os teólogos se preocupam demasiadamente com debates e controvérsias a cerca do que é a verdade (apologia), em saber responder aos erros dos papistas, dos reformados, dos anabatistas em detrimento à vivência pessoal do Evangelho. Além do mais, introduziram-se na teologia muitos elementos estranhos e inúteis e com jeito de sabedoria do mundo. Nesse contexto, Spener recorda as palavras de Lutero dirigidas ao povo de Ehrfut: “Tenham cuidado! Satanás tem em mente deter-vos com as coisas desnecessárias, para impedir-vos chegar às necessárias. Quando ele consegue introduzir uma mão, então arromba e introduz todo o corpo, com um número infinito de perguntas inúteis como tem feito até aqui, nas universidades, através da filosofia. Ouçamos, pois, quão grande dano tem havido quando se tenta ser sábio e interessante, sem ou acima da Escritura. Exemplos para isto não faltam”.

Lembremos que Lutero enxotou a teologia Escolástica.



Outra imponente personalidade da época, que foi convidado por reis e príncipes para organizar igrejas e escolas em seus respectivos territórios, dr. David Chytracus, também reconheceu essa carência, digo pobreza das igrejas. Este, assim se expressou a *Hieronymus Menzel*, superintendente em Eisleben: “Queira Deus que nos acostumemos, nós e nossos ouvintes, a temê-lo; queira Ele nos acostumemos ao arrependimento e à conversão, a temer sua ira e juízo sobre o pecado, a praticar a verdadeira piedade, justiça e amor a Deus e ao próximo”. As polêmicas, aliás, mostram que as sutilezas de tempos passados não foram superadas, apenas transformadas e substituídas em outras perguntas ou disputas. Uma palavra bíblica digna de ser recordada nesse contexto, é a advertência de Paulo aos Colossenses (2.8): “Cuidado que ninguém vos venha despojar através da filosofia e perversa sedução, conforme a doutrina dos homens, conforme as normas do mundo, e não segundo Cristo”. Se o mais brilhante dos apóstolos voltasse ao nosso convívio nos dias de hoje, baseado no que ele diz em I Co 2. 4-5 “A minha palavra e a minha pregação não consistiram em linguagem persuasiva de sabedoria humana, mas em demonstração do Espírito e de poder, para que a vossa fé não se apoiasse em sabedoria humana mas no poder de Deus!” ele próprio não compreenderia muitas coisas que nossas engenhosas mentes proclamam dos púlpitos e das cátedras.

Salvação única e exclusivamente por fé e sua equivocada compreensão

A salvação vem exclusivamente pela fé. Boas obras e vida piedosa não podem acrescentar nada a isto, ao contrário, vida piedosa e boas obras são frutos da fé. Verdade absolutamente inquestionável é que as boas obras são conseqüências que decorrem da gratidão a Deus pelo que já nos presenteou quando cremos, ou seja, justificação e salvação. Verdade inquestionável também é o poder que emana da palavra de Deus quando pregada, para a salvação de todos os que a recebem pela fé. A palavra é a mão através da qual Deus nos estende sua graça e a própria fé que é despertada por esta mesma palavra. Dessa forma, diz Spener, não sei como valorizar suficientemente o batismo e o seu poder, bem como a Santa Ceia na qual recebo espiritualmente o corpo e o sangue do Senhor.

Este fundamento básico da fé cristã – justificação pela graça e fé – é menosprezado e mal entendido por muitos cristãos, cujo “*modus vivendi*” transcorre na maior desordem, leviandade e até de forma escandalosa. Justifica este seu viver descompromissado com a palavra, argumentando que crêem verdadeiramente em Jesus Cristo e nele colocam toda sua confiança, e como a salvação vem da fé, certamente serão salvos. Essas pessoas substituem a fé que salva por uma imaginação carnal da fé, ou seja, uma fé dissociada da ação do Espírito Santo, que não existe onde há pecado proposital e contínuo. Neste contexto Spener aponta para o citado de Lutero em seu prefácio à carta aos Romanos: “Fé não é a ilusão e o sonho humano que muitos acham que é. E quando vêem que não acontece uma melhoria de vida nem boas obras e ainda assim muito ouvem e falam da fé, caem no erro de dizer que a fé não é suficiente; que seria preciso fazer obras se é que se quer ficar justo e salvo. A conseqüência disso é que, ao ouvirem o evangelho, agem precipitadamente e, por esforço próprio, criam um pensamento no coração, que diz:” Eu creio”. Isso eles então consideram fé como deve ser. Mas assim como isso não passa de inspiração e pensamento humano, que jamais atinge o fundo do coração, também nada ocasiona, tampouco se segue



uma melhoria. Fé verdadeira, entretanto, é uma obra divina em nós, que nos modifica e faz renascer de Deus (Jo 1.13), além de matar o velho Adão, transformando-nos em pessoas bem diferentes de coração, sentimento, mentalidade e todas as forças, trazendo consigo o Espírito Santo. Ah, há algo muito vivo, atuante, afetivo e poderoso na fé, a ponto de não ser possível que ela cesse de praticar o bem. Ela também não pergunta se há boas obras a fazer, e sim, antes que surja a pergunta, ela já as realizou e sempre está a realizar, etc”

Muitos cristãos acham que o cristianismo consiste tão somente em ser batizado, confessar seus pecados, receber a absolvição e participar da Santa Ceia. A esse respeito, Spener cita o que Johann Anrd diz em seu livro o cristianismo verdadeiro: “ Deus nos concedeu livremente o batismo, a ser ministrado uma única vez e, com isto, ele fez um pacto conosco: de sua parte um pacto de graça; de nossa parte um pacto da fé e da boa consciência que deve durar a vida toda. Em relação à confissão e à santa absolvição que afirmamos serem meios de conforto evangélico e perdão de pecados, muitos se confessam e se deixam absolver sem haverem se arrependido uma única vez sequer. A aplicação prática, os frutos da fé, inexistem. O que basta é que a vida seja conduzida de tal forma que as autoridades não encontrem nada que seja condenável.”

A vã imaginação da fé segundo a qual a salvação vem de nossa parte, de uma ou de outra forma, também está presente na imaginação vergonhosa da condenável doutrina papista do “opus operatum” segundo a qual a eficácia do sacramento acontece de forma automática com a simples execução do mesmo, independente da pessoa.

Resumindo: O ouvir a palavra é de importância verdadeiramente fundamental, mas se não permitirmos que ela penetre em nosso coração de forma que este alimento celeste nos conceda sua vitalidade e poder.... apenas o ouvir não salva. É o que o nosso Senhor diz em Lc 11.28; “Bem aventurados são os que ouvem a palavra de Deus e a guardam.”

Pedra de tropeço

A malícia dos homens e a astúcia do diabo, responsáveis por essa situação caótica da verdadeira fé cristã, têm sido uma pedra de tropeço, tanto para a conversão de judeus quanto católicos, entre estes especialmente aqueles que estão confusos com sua igreja e se declaram anti-papistas. Os judeus não podem crer que Cristo tenha sido verdadeiro Deus, pois não guardamos os seus mandamentos ou então julgam que Jesus deve ter sido um homem mau, quando julgam a ele e seu ensino pela nossa vida. Assim como outrora os judeus impediram, tanto quanto lhes foi possível, que o evangelho fosse pregado aos gentios, assim agem hoje os cristãos com seus vergonhosos escândalos e impurezas. Com isto não jogam fora apenas a sua própria salvação como ainda impedem a salvação dos judeus e de outros incrédulos. Quanto aos católicos confusos com a sua igreja, que também encaram o papa e sua cátedra como sendo o anticristo anunciado por Deus, estes não se vêm atraídos a se unir a nós, por força dos maus exemplos, chegando à conclusão que não há sobre a terra uma igreja pura, que os filhos de Deus ainda estão aprisionados na Babilônia e que devem aguardar a salvação de Deus com paciência. Como não conhecem outra solução, permanecem dentro do cativeiro babilônico, evitando abusos grosseiros, mas vivendo em constante inquietação e



temor no coração. Consideram a igreja luterana e a católica como sendo a mesma mixórdia babilônica, não valendo a pena sair duma para entrar na outra.

Mesmo que desmotivados pelo mau exemplo de muitos cristãos luteranos, os confusos e inconformados com sua igreja não são desculpáveis porque tiveram oportunidades suficientes para reconhecerem que os ensinamentos da igreja luterana são puros porque estão de acordo com a palavra de Deus e que nela se encontram verdadeiros e piedosos filhos de Deus que, mesmo enfrentando muitos escândalos, se mantém puros porquanto não servem a ídolos, enquanto sua igreja claramente se opõe à palavra de Deus. Mesmo que apenas o Espírito Santo tenha autoridade e possa verdadeiramente discernir onde se encontra a Babel espiritual, palavras como Ap 18.5.9.18 sugerem que, mesmo de olhos apenas parcialmente abertos, possa se identificar a igreja Romana como a Babel espiritual. Assim como os judeus foram libertados do cativeiro babilônico através do decreto do rei Ciro, não podemos ser suficientemente gratos a Deus por sua bondade, através da obra da Reforma, de nos conduzir para fora do cativeiro e nos colocar em liberdade.

Ao 18,5 – “Porque os seus pecados se acumularam até ao céu, e Deus se lembrou dos atos iníquos que ela praticou”.

9 – “ Ora, chorarão e se lamentarão sobre ela os reis da terra, que com ela se prostituíram e viveram em luxúria, quando virem a fumaceira do seu incêndio”.

18 - “ Então, vendo a fumaceira do seu incêndio, gritavam: Que cidade se compara à grande cidade”?

Liberdade do cativeiro e negligência

O que acontece com a igreja luterana é o mesmo que aconteceu com os judeus quando voltaram para sua Pátria, satisfeitos por terem sido libertados e de poderem novamente prestar o seu culto. No exílio foram acostumados com a pouca consideração em relação a seu templo, costume que neles tomou raízes; agora, já livres, negligenciarem sua dedicação ao tempo, como acostumados. Por longo tempo a restauração de seu tempo foi apenas parcial. Preferiram manter e desfrutar da paz e do sossego que tinham alcançado. Não, ao invés de cruzar os braços e se deliciar com o descanso, deveriam ter se sentido motivados a se lançar com zelo à reconstrução completa do templo e da beleza do seu culto. Assim, também nós, luteranos, não devemos nos satisfazer com o fato de termos nos libertado da Babel Romana, mas sim nos lançar com zelo no cultivo da verdadeira fé e na superação das muitas falhas ainda existentes em nosso meio, que foram herdadas do papismo.

Deus prometeu um futuro melhor para sua igreja, ou seja, o retorno de Israel, ou ainda, uma igreja perfeita. A perfeição será alcançada apenas na eternidade, enquanto isso, cabe a nós permanecer no caminho em busca da perfeição, o que se dá através da vivência dos frutos da fé. Para os cristãos se aplica o que o apóstolo Paulo diz: em 2 Co 13.2: “Alegrai-



vos, sede perfeitos” ou então” Nós anunciamos e advertimos todos os homens, e ensinamos todos com toda a sabedoria, para que apresentemos cada um perfeito em Cristo Jesus. (Cl 1.28).

A profecia de Deus se cumpre independentemente do nosso agir, no entanto, se nós, a partir da clara luz do evangelho – novamente descoberta por Lutero - nos tornamos tardios em fazer o que é nosso dever, então Deus obterá ajuda em outra parte para preservar a sua honra e a nós caberá arcar com as conseqüências. Nesse contexto, seria útil lembrarmos as palavras de Mordecai a Ester: “Se tu calares agora, então virá de outro lugar ajuda e salvação para os judeus, e tu e tua casa perecereis”.

O que fazer para melhorar a Igreja?

Algumas sugestões práticas:

- 1) A palavra de Deus deve ser ensinada de forma mais extensiva,

Sabemos que, por natureza, não temos nenhum bem em nós. Se, porém, devemos ter algum bem este deve ser operado em nós por Deus mesmo; para tanto, a palavra de Deus é o meio mais eficaz, uma vez que a fé é despertada pelo Evangelho. Assim, de forma alguma se rejeita as pregações nas quais um texto é lido e exposto e a comunidade cristão é ensinada; eu mesmo faço isto; mas não creio que isto seja o suficiente.. Sabemos que toda a escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, correção e para a educação na justiça (2 Tm 3.16). Por isso, toda a Escritura, sem exceção, deve ser conhecida pela comunidade, caso queiramos receber todos os benefícios necessários.

Se reunirmos todos os textos lidos e explicados a uma comunidade ao longo de muitos anos, constatamos que esta soma representa apenas uma pequena parte das Escrituras.

As pessoas têm pouca oportunidade de captar o sentido da Escritura, exceto através dos textos a ela exposto, de nela se exercitar, como a edificação espiritual exige. É louvável a atitude de alguns, que lêem a Escritura em casa, no entanto isto ainda não acontece o suficiente, e nem com todos. Assim, propomos que a Igreja, além das costumeiras prédicas sobre os tetos previstos, viabilize outros meios para introduzir as pessoas nas Escrituras de maneira mais profunda por meio da leitura diligente da própria Escritura, especialmente do Novo Testamento.

Não será difícil o chefe da família ter à mão uma Bíblia ou, pelo menos um Novo Testamento, e diariamente ler um trecho para a família. Se não souber ler, que um membro da família o faça.

Além de animar as pessoas à leitura privada das Escrituras, se introduza, onde possível, de tempos em tempos, a leitura pública dos livros da bíblia, um após o outro, sem maiores comentários. Isto seria especialmente útil para os que não sabem ler ou quem não tem seu exemplar próprio das Escrituras.



2) Seria útil a reintrodução do antigo modelo apostólico de reuniões na Igreja, segundo o apóstolo Paulo descreve em I Co 14. Neste modelo, não é apenas um que ensina, mas também outros usam da palavra segundo o conhecimento e dons com que foram agraciados. Nessas reuniões, as pessoas leriam as escrituras em voz alta, discutindo fraternalmente o trecho lido, de forma simples, destacando o que seria útil para a sua edificação pessoal. Cada um, que não entendesse o assunto suficientemente poderia expressar suas dúvidas e pedir mais esclarecimentos aos que já tivessem feito mais progresso. Assim todos, e principalmente os pastores poderiam julgar e discernir o que está de acordo com a Sagrada Escritura. Cabe aos pastores manter a direção da reunião.

Essas reuniões se tornarão, em pouco tempo, uma maneira eficaz de fortalecer a “igreja caseira”, quer dizer: cultos com família e empregados.

Esta prática obedeceria a exortação do apóstolo Paulo: “Habite ricamente entre vós a palavra de Cristo em toda sabedoria. Instruí-vos e aconselhai-vos com salmos e hinos de louvor e cânticos espirituais. Cl 3.16

A séria ocupação com a Palavra de Deus, que não consiste apenas em ouvir prédicas, mas também em leitura, meditação e diálogo – Sl 1.2, é a arma fundamental para a melhoria da Igreja, pois a palavra de Deus é a semente, da qual todo bem em nós deve nascer. Por isso, nada mais necessário que o Estudo Bíblico em grupo, em diálogo uns com os outros. Ademais, que se ensine o costume às pessoas a crer que, no cristianismo, o saber não é suficiente de forma alguma, pois este consiste fundamentalmente em prática.

O que o nosso saudoso Lutero procurou com mais zelo que levar as pessoas à leitura diligente das Escrituras? Este zelo ia a ponto dele, de forma enfática, dizer que preferia ver todos seus livros esquecidos e desaparecidos caso servissem de empecilho para a leitura da própria Escritura.

Impedir as pessoas de ler as Escrituras foi um dos principais males do papado que, assim mantinha o povo ignorante, sob completo domínio sobre suas consciências.

Lutero apresenta ainda um outro meio, qual seja, a instrução e o diligente exercício do sacerdócio espiritual. (Sacerdócio Universal de todos os Crentes). Segundo este sacerdócio, todos os cristãos – não somente os pastores – foram feitos Sacerdotes por seu Salvador, unguídos com o Espírito Santo e dedicados para funções espirituais e sacerdotais. Triste artimanha do diabo levou o papado a concentrar todos os ministérios espirituais no clero, fato que também levou o clero a se arrogar com exclusividade o título de “sacerdotes” que, de fato, pertence a todos os crentes; Em seu livro escrito aos boêmios a respeito de como devem ser escolhidos e instalados os ministros da Igreja, Lutero demonstra que os ofícios espirituais cabem a todos os cristãos, sem exceção, embora o seu exercício regular e público seja atributo dos servos escolhidos para tanto. Tudo o que não se refere ao exercício público deve ser praticado nos lares diariamente, por todos.





Digno de reflexão mais profunda é a questão de como tornar o sacerdócio geral de todos os crentes mais conhecido, pois, com a morte de Lutero, tem sido quase que relegado ao completo esquecimento. Nesse contexto a proposta que introduz a leitura das Escrituras e sua compreensão é de fundamental importância, pois as comunidades seriam levadas ao exercício: 1) do uso diligente das Escrituras e, 2) de seus deveres sacerdotais. Entre os deveres sacerdotais se encontra a admoestação fraterna e a repreensão que entre nós desapareceram quase que por completo e que deveriam ser seriamente praticadas e, onde surgissem dificuldades, deveriam ser apoiadas pelo pastor.

3) Uma terceira proposta: que se ensine e acostume as pessoas a crer que, no cristianismo, o saber não é suficiente, de forma alguma, pois consiste fundamentalmente em prática.

Sempre de novo, o Senhor Jesus apontou e indicou o amor como sendo a marca distintiva de seus discípulos. Se despertarmos o amor nos cristãos, primeiramente entre si e depois também em relação a todos e colocar isto em funcionamento, então praticamente tudo o que desejamos já terá sido realizado, pois segundo Rm 13.9 todos os mandamentos se resumem no amor. Assim, os cristãos devem se acostumar a não perder facilmente a oportunidade de servir outros com atos de amor e, ao fazê-lo, sondar o próprio coração, para saber se o motivo que os impulsiona é o verdadeiro amor, ou se há qualquer outra intenção. Lembremos que o verdadeiro amor renuncia, tanto ao egoísmo quanto ao direito de vingança

4) A quarta proposta: cuidar como se conduzir em controvérsias religiosas com os heréticos e não-crentes.

Inicialmente devemos nos dedicar com afinco à verdade conhecida e fortalecer este conhecimento cada vez mais e evitarmos cuidadosamente todo desvio do mesmo. Depois, então, nos lembrar dos que estão no erro e por eles interceder. Orar para que Deus os ilumine com a mesma luz com que nos iluminou e que os conduza à genuína verdade; que lhes conceda toda oportunidade necessária para que seus corações sejam preparados, e que seja fortalecido o verdadeiro conhecimento da salvação em Cristo que porventura tiverem, quando seus erros perigosos lhes tiverem sido destruídos.

Em segundo lugar devemos dar um bom exemplo de vida ao nosso adversário, guardando-nos zelosamente de ofendê-lo, pois isto causaria uma péssima impressão do nosso ensino verdadeiro e, dificultaria ainda em mais, a sua conversão.

Em terceiro lugar, se Deus nos deu o dom de ganhar as pessoas que se encontram em erro para Cristo, façamos a nossa parte mostrando, de forma firme e convicta, que a fé que nós confessamos se baseia na simplicidade da doutrina de Cristo. Desta forma, podemos convencê-los de seus erros, mostrando como estes conflitam com a palavra de Deus e que perigos trazem consigo. Cuidado, porém, com palavras injuriosas e insinuações maldosas que podem destruir o que pensamos estar construindo. Em relação a eles, devemos ter uma atitude de amor cordial; devemos sim, mostrar que não temos nenhum prazer em sua incredulidade,



em sua prática errada, no entanto, a justa aversão por sua “falsa religião” não deve abolir ou enfraquecer o amor que lhe devemos.

Devemos fazê-lo à luz do mandamento que nos pede amor ao inimigo. Insultar ou magoar um não crente ou herético por causa de sua “religião” é um zelo carnal e prejudicial à sua conversão.

Ecumenismo

Se tivermos alguma esperança de reunião de diversas religiões existentes entre os cristãos, o melhor meio é não colocá-las lado a lado em polêmicas, pois as mentes se encontram cheio de zelo carnal, o que pode tornar toda argumentação infrutífera. A este respeito Lutero acrescenta; “As polêmicas trazem consigo este mal: depravam as mentes das pessoas e quando estão ocupadas com a discussão, negligenciam aquilo que realmente deveriam promover e que é o mais importante”. Não que toda e qualquer polêmica seja ineficaz, pois Cristo e seus apóstolos também se envolveram em polêmicas refutando os heréticos com todo o vigor, defendendo a verdade genuína do Pai, no entanto seja dito que a pureza da doutrina e da palavra de Deus seja mantida, não apenas de polêmicas e de escrever muitos livros, mas também através de verdadeiro arrependimento e vida santa.

Toda polêmica apenas é válida e conta com a bênção de Deus se o único e último interesse girar em torno da defesa da verdadeira doutrina. Às vezes acontece que se pretende ganhar pessoas para o luteranismo, sem dar maior atenção para que se tornem cristãos autênticos (de coração) de maneira que a verdadeira confissão se torne um ingresso em uma vida de serviço mais zeloso a Deus. O que realmente interessa é a promoção da honra de Deus, ou seja, tomar o propósito de empregar tudo o que é nosso e tudo que chegarmos a conhecer para a maior glória de Deus e, dessa forma, servi-lo. Aqui cabe o registro de três palavras de Jesus;

“Se alguém quiser fazer a vontade dele (Deus) , conhecerá a respeito de sua doutrina, se ela é de Deus ou se falo por mim mesmo.” Jô 7.17

“Se vós permanecerdes em minha palavra, sois verdadeiramente meus discípulos, e conhecereis a verdade e a verdade vos libertará”. Jo 8.31-32

“Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda, esse é o que me ama; e aquele que me ama, será amado por meu Pai, e eu o amarei e me manifestarei a ele”. Jo 14.21

Assim, a polêmica não é um método suficiente, nem para conservar a verdade em nós nem para levá-la aos que andam no erro. Para tanto é necessário o santo amor de Deus. Somente ele tem o poder de converter corações! Se nós, evangélicos, cuidássemos mais de apresentar a Deus os frutos de sua verdade em sincero amor, nos conduzíssemos de maneira mais digna de nossa vocação, em genuíno amor ao próximo inclusive ao não crente e herético,



teríamos a alegria de ver de nosso lado, professando a mesma fé aqueles cujos erros agora lamentamos!

5ª proposta: reforma do estudo teológico.

Ao ministério pastoral compete a maior parte do que deve ser feito para a reforma da Igreja. É de extrema importância que tenhamos, neste ministério, pessoas que sejam verdadeiramente cristãs, que possuam a sabedoria divina para conduzir outros com segurança ao caminho do Senhor. Por isso, só deveriam ser chamados para este ministério pessoas que buscassem a honra e a glória de Deus acima de tudo, inclusive de si mesmo. Nos estudantes nunca deve ser determinante o espírito do mundo, o demônio da ambição, da bebida, da discórdia e da briga. Que a vida acadêmica contasse com professores que dessem toda a atenção a esse ponto. A reforma deveria chegar a ponto de academias, escolas e universidades serem conhecidas como autênticos viveiros de todos os estamentos para a Igreja e laboratório do Espírito Santo.

Os professores deveriam servir de exemplo, ou seja, pessoas que morreram para o mundo, que não buscam sua glória, proveito ou agrado, mas em tudo desejam unicamente a glória de Deus e a salvação daqueles que lhes foram confiados. A isto devem subordinar todos seus estudos, leituras, livros que escrevem, preleções e todas as polêmicas das quais tomam parte.

Estudo e prática do cristianismo andam juntos.

Sempre se deve lembrar aos estudantes que a vida piedosa é tão importante quanto sua aplicação nos estudos e demais atividades. Justino, o mártir, diz, num discurso aos gregos: Nossa religião não consiste em palavras, mas em ações. Isto ele aprendeu com o apóstolo Paulo que em I Co 4.20 diz ;” o reino de Deus consiste não em palavras mas em poder”. A teologia é uma disciplina prática, na qual tudo deve estar voltado para a prática da fé e da vida.

Para se obter o verdadeiro, vivo e salutar conhecimento das coisas divinas, não é suficiente ler e estudar as Escrituras, é preciso que se acrescente o amor de Cristo, ou seja, que haja o cuidado de não pecar contra a consciência e que se busque com afincamento a vida piedosa. Sl 25.14; 111,10; Pv 1.7; 9.10; Jô 7.17; Ef 3.16-18.

O estudo da teologia não é o estudo de uma filosofia da religião, daí o porquê dos estudantes de teologia ter que estar convictos que precisam morrer para o mundo e que devem viver a vida que um dia há de ser exemplo para o rebanho. Sem essa atitude, eles serão apenas estudantes de filosofia das coisas sagradas, Lutero diria: “Um teólogo não se faz no ler ou observar cuidadoso, mas pelo viver, pelo morrer e perder-se”. A “*convictio intellectus*” da verdade ainda não é, nem de longe, a fé. Assim, o verdadeiro critério de avaliação de um estudante não deveria ser sua capacidade intelectual, sua inteligência, e sim sua piedade, tanto assim que não seria nada mal se todos os estudantes fossem obrigados a trazer, de suas universidades, atestados referente a sua piedade. Uma pessoa que ama a Deus sinceramente,



embora com menos capacidade intelectual, será mais útil na comunidade do Senhor com seus minguados talentos e erudição acadêmica do que um teólogo com dois doutorados, cheio de arte e sabedoria, mas não ensinado por Deus.

A tarefa dos professores está voltada estimular e admoestar os alunos à vivência cristã, e a partilhar com eles mementos de celebração e prática da piedade. Também seria de muita utilidade que eles proporcionassem aos alunos oportunidades de exercícios preliminares das coisas com as quais mais tarde irão lidar quando pastores, tipo, como instruir os ignorantes, como consolar os doentes, mas, sobretudo.....exercitar a pregação.

Como 6ª proposta: A pregação é um instrumento missionário/pastoral.

A primeira tarefa dos professores de teologia é mostrar a seus alunos que, na pregação, tudo deve convergir para a edificação. As pregações devem estar voltadas para a promoção, na melhor forma possível, da fé e de seus frutos junto aos ouvintes. Existem pregadores que, na maioria de suas pregações, se ocupam com coisas que os fazem parecer pessoas instruídas, outros se dão ao trabalho de preparar uma esmerada introdução, cuidam para que o desenvolvimento seja harmônico, que a estruturação seja bem elaborada, que todas as partes sejam tratadas e adornadas conforme a arte da oratória. Em lugar disso, deveriam escolher e, com a graça de Deus, desenvolver aquelas matérias que são úteis na vida e na morte. O Púlpito não é o lugar onde pessoas ostentam pomposamente a sua arte, mas deve servir à pregação simples da palavra do Senhor, pois ela é o instrumento divino para a salvação das pessoas. O Pregador deve sempre atentar mais nos simples, do que nos poucos eruditos, seja lá onde for.

A palavra que atingir o coração

O cristianismo consiste no homem interior, ou novo, cuja alma é a fé e cujas expressões são os frutos da vida e da fé. Para este objetivo as pregações devem estar dirigidas. Os preciosos benefícios de Deus, que se dirigem ao homem interior, devem ser expostos de tal maneira que a fé e o próprio homem interior sejam mais e mais fortalecidos. A obra deve ser feita de tal maneira que não nos contentemos, de modo algum, que as pessoas apenas exteriormente abandonem os vícios e pratiquem as virtudes, dessa forma tratando somente do homem exterior, o que também uma ética pagã pode realizar.

Devemos acostumar as pessoas, em primeiro lugar, a trabalhar em tais coisas interiores, a despertar em si mesmos o amor a Deus e ao próximo, e a agir a partir daí. Devemos também ressaltar, com todos os meios da palavra divina e dos sacramentos, que eles têm a ver com o homem interior. Portanto, é insuficiente que ouçamos a palavra apenas com o nosso ouvido exterior, físico. Temos de permitir que ela penetre em nosso coração, onde devemos ouvir o próprio Espírito Santo falar, ou seja, sentir o seu selo e o poder da palavra com viva emoção e consolo.

Não é suficiente ser batizado. Ao contrário, o nosso homem interior, revestido de Cristo no batismo, deve também conservá-lo e dele dar testemunho em sua vida exterior.



Assim também não basta receber exteriormente a Santa Ceia. Através deste alimento abençoado deve também ser fortalecido verdadeiramente nosso homem interior. Não é suficiente que se ore exteriormente, apenas com a boca, pois a oração verdadeira e mais necessária acontece no nosso interior, podendo expressar-se em palavras ou permanecer na alma, mas de qualquer maneira, lá acha e encontra Deus. Não basta prestar culto a Deus no templo exterior. Nosso homem interior é que presta o culto essencial a Deus em seu próprio templo, esteja ele no templo exterior ou não. Nessas coisas é que as pregações devem se concentrar, uma vez que nelas consiste a verdadeira força do cristianismo.

Em suas pregações, o futuro pastor deve ser lembrado de não se esquecer de abordar, com freqüência, também em suas prédicas para adultos, o Catecismo Menor pois ele contém os primeiros rudimentos do cristianismo.

Resumindo as propostas de Spener par a melhora da vida da Igreja:

- 1) A palavra de Deus deve ser ensinada de forma mais extensiva
- 2) Reintrodução do modelo apostólico
- 3) O cristianismo consiste em prática de vida.
- 4) Colocar a apologia a serviço da glória de Deus.
- 5) Reforma do Estudo Teológico
- 6) Pregação como instrumento missionário/pastoral.

Philipp Jacob Spener

Nasceu na Alsácia, território alemão na época, aos 13 de janeiro de 1635. Filho de um alto funcionário público, teve sua formação espiritual influenciada pelos livros de Johann Arnd sobre o verdadeiro cristianismo. Estudou teologia e se aprofundou na teologia do reformador Martin Lutero e dos teólogos ortodoxos sensíveis aos desafios colocados pela crise da época. Durante toda sua vida, orgulhou-se de ser luterano. Em 1663 foi convidado como pastor auxiliar na igreja principal de Estrasburgo. Em 1664 doutorou-se em Teologia, ano em que casou.

Em 1666 foi convocado como presidente do colégio de 12 pastores de Frankfurt, na época um cidade com 150.000 habitantes, em sua maioria, luteranos. Tornou-se, durante 20 anos o “pai do pietismo luterano” na Alemanha. Em suas pregações, insistiu num cristianismo de coração e na vivência consciente da fé. Engajou-se por melhoramentos na educação, na maior divulgação da confirmação, na renovação da disciplina eclesiástica, no combate da decadência dos costumes e na reorganização da assistência a pobres, órfãos e desempregados.

Introduziu no luteranismo uma atividade totalmente nova. Desde 1670 realizou com um grupo de membros da igreja, a pedido destes, reuniões de edificação mútua. Esses “collegia pietatis” dirigidos por ele passaram a ser uma espécie de Estudos bíblicos.

Assim Spener renovou a prática do sacerdócio universal de todos os crentes e, com isso, deu aos leigos o direito de participarem ativamente da vida da comunidade.



O Pietismo

Spener apelou aos teólogos no sentido que lembrassem do que haviam prometido a Deus por ocasião de sua ordenação ao ministério, o de alimentar espiritualmente a comunidade que Ele comprou por preço muito alto, a saber, seu próprio sangue.

Admoestou ainda para que não esquecessem que um dia o Senhor da Igreja iria cobrá-los pelas almas por eles negligenciadas. Neste dia (juízo final?) não será importante a formação intelectual ou a influência e o prestígio junto à sociedade, mas o importante diante de Deus será a fidelidade e a simplicidade de coração no esforço em promover o Reino de Deus. “Perguntemo-nos a nós mesmos se temos procurado a edificação de nossos ouvintes com ensino puro e piedoso, com exemplo digno de renúncia ao mundo, na autonegação, no assumir a cruz e seguir nosso Salvador. Indaguemo-nos com que zelo nos opusemos não somente aos que erram, mas também aos que levam uma vida sem Deus; ou com que persistência e alegria suportamos a perseguição e as contrariedades de um mundo evidentemente sem Deus ou de falsos irmãos e, em meio a tais sofrimentos, louvemos a Deus.”

Essas atitudes são como as sementes que a nós caber plantar e cuidar, com zelo e persistência. Deus vai dar um jeito, no devido tempo, de produzir os frutos.

As idéias pietistas se difundiram rapidamente através dos pequenos grupos, conseguindo grande apoio entre teólogos, alguns nobres e pessoas de classes sociais inferiores. A formação de pequenos grupos se constituiu na maior força do cristianismo da época, também no sentido negativo, por exemplo, surgiu o perigo da divisão das comunidades em “pessoas despertadas e não despertadas.”

Os não pietistas se opuseram ao movimento com fortes críticas, do por alguns denunciados como “nova religião.” Também a ortodoxia Luterana se achou no direito de defender a pura doutrina que considerou a insistência do pietismo na vivência da fé uma distorção do cristianismo. A faculdade de teologia da Universidade de Wittenberg acreditava poder identificar 284 erros teológicos dos pietistas. Nada, porém, conseguiu deter o avanço do pietismo. A ortodoxia não percebeu duas coisas: a) a era do confessionalismo rígido já tinha passado e, b) não compreendeu a modernidade do pietismo.

O pietismo também encontrou adversários dentro de suas próprias fileiras; eram os pietistas radicais que queriam se separar da igreja, formando uma nova, ao que Spener se opôs, sendo seguido em seu posicionamento pela maioria dos pietistas.

Em seu comentário introdutório ao “*Pia deseideria*” o professor da Faculdades EST, Joaquim Fischer, afirma que o pietismo foi o movimento de renovação espiritual da Igreja Luterana mais importante depois da reforma sendo o próprio Spener considerado, depois de Lutero, o maior reformador da Igreja.